

# Clubes de leitura: construção e conquista de leitores

---

**LUÍS FILIPE BARBEIRO** [barbeiro@ipleiria.pt](mailto:barbeiro@ipleiria.pt)  
**MARIA JOSÉ GAMBOA** [mjgamboa@ipleiria.pt](mailto:mjgamboa@ipleiria.pt)

•

Instituto Politécnico de Leiria  
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação

---

<https://doi.org/10.25766/q4bq-xw81>

## Resumo

Assumida como um desafio das sociedades contemporâneas, a construção de leitores não pode circunscrever-se à esfera da aprendizagem curricular e ao tempo da escolaridade. Este desafio coloca a questão de saber o que a escola poderá fazer para ajudar os jovens estudantes, com experiências leitoras diversificadas, a tornarem-se e a permanecerem leitores e leitoras ao longo do seu ciclo vital. Conhecer as práticas de leitura dos alunos é um ponto de partida. (Re) pensar as potencialidades dos clubes de leitura enquanto lugares de construção e de conquista de (não)leitores poderá revelar meios para alcançar esse desafio.

Este artigo apresenta alguns elementos de um estudo, realizado no âmbito do projeto *Lectibe (Lectores Ibéricos - Clubes de Lectura)*, que baseou a sua estratégia para a construção de leitores nos clubes de leitura. Os dados obtidos por meio de um inquérito por questionário, aplicado aos participantes, jovens estudantes espanhóis e portugueses do ensino secundário, revelam os clubes de leitura como uma iniciativa que obteve a adesão e o envolvimento de estudantes com diferentes perfis de relação com a leitura. Aí se encontram aqueles jovens que já têm uma relação positiva com a leitura, mas também os

que apresentam um perfil tendencialmente mais afastado de práticas e de fruição leitoras. Nessa diversidade, reside uma enorme potencialidade dos clubes de leitura: a conquista para a leitura como parte integrante de um projeto de vida.

**Palavras-chave:** Leitura, clube de leitura, perfil de leitor, livro.

### **Abstract**

Generally accepted as a challenge for contemporary societies, the development of readers cannot be limited to the sphere of curriculum learning and time spent in formal schooling. This challenge raises the question of what schools can do to help young pupils, by providing diverse reading experiences, to become and remain readers throughout their lifetime. To be familiar with the reading practices of pupils is a starting point. (Re) thinking the potential of reading clubs as places to develop and win over (non)readers could be a way of developing ways of rising to this challenge.

This article presents part of a study undertaken in the Lectibe project (Lectores Ibéricos - Clubes de Lectura / Iberian Readers - Reading clubs ), a project whose strategy is based on developing readers in reading clubs.

The data obtained by means of a questionnaire applied to the participants in the project - young Spanish and Portuguese secondary school pupils - shows reading clubs to be an initiative which bring about the active involvement of students with different profiles in terms of reading. In these one can find not only young people who have a positive relationship with reading, but also those with reading profiles that tend to be further removed from reading practices and the pleasures of reading. It is in this diversity wherein the enormous potential of reading clubs lies: the achievement of reading in becoming an integral part of a life project.

**Keywords:** Reading, reading club, reader profile, books.

## Introdução

Os desafios do presente e do futuro requerem um movimento permanente de interrogação sobre os valores da leitura, as suas funções, os seus suportes e os modos didáticos e pedagógicos de a promover dentro e fora da escola. Efetivamente, acompanhando a valorização social e escolar da leitura, espelhada no massivo incremento nacional e transnacional de medidas de promoção leitora, torna-se necessário discutir as condições escolares e sociais para a formação do leitor, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, colocando ênfase na necessidade de (re)pensar programas conducentes à emergência de práticas fundadoras da construção de leitores e da criação e enraizamento do hábito e do prazer de ler, aquém e além da escola. Verdadeiramente, perspetivar este além, num tempo de construção de ser leitor, corresponde ainda a desafiar a escola ou a deixar que esta se desafie, num projeto que vá para além do seu espaço e do seu tempo, numa vida. Constituindo uma prática essencial da escola e do exercício da aprendizagem de ser pessoa, ao longo de toda a vida, a leitura edifica um lugar de acesso à cultura escrita que importa enraizar precocemente nas práticas quotidianas dos jovens, devendo assumir uma dimensão de desenvolvimento emancipatório.

A investigação tem evidenciado a complexidade inerente à construção de ambientes formativos que favoreçam um envolvimento leitor que não se confine ao espaço e ao tempo escolares, mostrando igualmente a imprescindibilidade de considerar, no processo formativo, fatores de ordem motivacional, cognitiva e social, centrados no leitor, texto e contexto (Colomer & Camps, 1990; Giasson, 1993, 2005; Gambrell & Almasi, 1996; Tauveron, 2005). Este processo formativo terá de considerar o estatuto afetivo e social que as práticas de leitura têm para os utilizadores da cultura escrita, nomeadamente, valorizando-se os sentidos pessoais e sociais construídos em torno das experiências com os textos, anteriores à entrada na escola (Hannon, 1995; Baker, Afflerback & Reinking, 1996) e, nesta, a condição primeira do ensino da descoberta e da compreensão leitora (Solé, 2001; Sim-Sim, 2007), assim como a integração e articulação com práticas do espaço social em que se movem leitores e não leitores.

De modo semelhante, a construção de projetos pessoais e sociais de leitura implica a consideração de alunos reais, não leitores e leitores, ou leitores em processo de deixar de o ser, considerando consequen-

temente a sua singularidade, num percurso precoce e continuado de aprendizagens, alimentado por estratégias motivadoras em (con)textos diversificados. Destes, em consonância com o que a investigação tem confirmado (Terwagne, Vanhulle & LaFontaine, 2001; Daniels, 2002), a leitura voluntária, para fruição, desejada e construída a partir de um sujeito leitor na sua relação com o outro, constitui um eixo estruturador e orientador de práticas condicionadoras de desenvolvimento do leitor que se quer formar.

Para a integração da leitura no projeto e na esfera alargada da vida e para uma vida, sem prejuízo da diversidade de abordagens contextualizadas na especificidade de cada comunidade educativa de leitores, os clubes de leitura reconquistaram vitalidade nos últimos anos e confirmaram potencialidades no que diz respeito ao incremento e aprofundamento das práticas leitoras e ao alargamento da leitura para lá do domínio curricular e para além da esfera individual (Baker, *et al.*, 1996; McMahon & Raphael, 1997; Terwagne, *et al.*, 2001; Daniels, 2002).

Sob a denominação de clubes de leitura e/ou círculos de leitura, estes dispositivos complementam modalidades como as bibliotecas de turma e aprofundam a relação entre os participantes mediada e construída, refletida, também através da leitura de um livro. Constituem-se como lugares de encontro regular de pessoas — participantes convocados a partir dos livros — como espaços e momentos de leitura, de discussão e partilha, de construção individual e coletiva de significados, que permitem ressignificar as práticas leitoras numa perspetiva individual e social, alargando conseqüentemente o horizonte de aprendizagem e/ou de fruição que a prática leitora deve pressupor. Os clubes/círculos de leitura favorecem e diversificam a interação entre os participantes, tendo por base a leitura simultânea de um livro. A escolha do livro (negociada ou sugerida) representa também, para cada indivíduo singular, a possibilidade de sair das suas escolhas pessoais (ou de as alargar aos outros), para ser conquistado e enriquecido por outras leituras ou escolhas.

Estes dispositivos estão assentes numa conceção de leitura enquanto prática situada de aprendizagens (cognitivas, linguísticas, afetivas, culturais e sociais) e de fruição. As duas vertentes são construídas coletivamente, em pequenos grupos, mas heterogêneos, onde se aprende a interpretar e a construir significados (Terwagne *et al.*, 2001), por entre a pluralidade de contributos, e onde se descobrem pontos comuns e diferentes de fruição com os textos.

Dando espaço e explorando a dimensão de fruição pessoal da leitura, partilhada e construída também coletivamente, o clube de leitura alimenta o desejo de ler. Deste modo, constitui um tempo e um lugar de construção livre de relação com o livro e com o outro que se dispõe a ler, a ouvir e a partilhar afinidades leitoras, para além da obrigatoriedade de leituras escolares e/ou de natureza profissional. Sendo a leitura para fruição realizada frequentemente de forma solitária e associada à dimensão individual, os clubes de leitura juntam-lhe as vantagens da socialização e partilha (Swann & Allington, 2009; Mills & Jennings, 2011; Sanacore, 2013). Como se expressa em Barbeiro e Gamboa (2014), a dimensão individual não é monolítica, mas acolhe a pluralidade de vivências do sujeito e constrói-se nessa constelação de experiências de uma vida. Se a pluralidade já está presente na dimensão individual, a constelação ganha novos elementos quando se alarga à componente social, como a que é proporcionada pelos clubes de leitura, enquanto espaços e tempos onde adquire relevo a socialização da leitura, por meio da partilha, discussão e reflexão conjunta. Reconhecidas as potencialidades formativas dos clubes de leitura, estes têm sido disseminados em contextos diversos com múltiplos objetivos (Baker *et al.*, 1996).

Considerando o contexto espanhol, os clubes de leitura constituem uma das estratégias de fomento e dinamização da leitura que, na região espanhola de Castilla-La Mancha, alcançaram maior relevância, desde o seu aparecimento, nos anos oitenta. Atualmente, todas as bibliotecas mais importantes da região contam com clubes de leitura, destinados a leitores de diferentes idades. Como se pode ler no relatório respeitante ao exercício de 2012, nesse ano, funcionaram nas bibliotecas públicas da região 649 Clubes de Leitura, com a participação de mais de 42.414 pessoas (Red de Bibliotecas Castilla-La Mancha, s.d.a). Para além da dinamização realizada nos espaços das bibliotecas, procurou-se desenvolver relações com os estabelecimentos escolares, a fim de reforçar o envolvimento dos jovens.

Tendo por pano de fundo este dinamismo dos clubes de leitura na região de Castilla-La Mancha, foi proposto o projeto *Lectibe (Lectores Ibéricos - Clubes de Lectura)*, um projeto europeu Comenius Regio do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida. Este projeto propôs-se desenvolver as potencialidades dos clubes de leitura e alcançar novos objetivos, sobretudo junto do público escolar jovem, por meio da criação de uma parceria internacional e do recurso aos livros eletrónicos.

A parceria foi estabelecida com a região portuguesa de Caldas da Rainha. Assim, o projeto integrou inicialmente cinco clubes de leitura de estabelecimentos de ensino secundário da cidade de Albacete, tendo dado origem à criação de um clube de leitura na Escola Secundária Raúl Proença, em Caldas da Rainha, com quinze participantes iniciais (que, em conjunto com os 54 respondentes espanhóis constituem os participantes considerados neste estudo).

A participação dos estudantes no projeto e nos seus clubes de leitura teve um caráter voluntário. Com o objetivo de (re)pensar as potencialidades dos clubes de leitura, a possibilidade de abertura de horizontes de sentido que estes lugares formativos podem construir, e, em particular, com o objetivo de conhecer a relação com a leitura por parte dos alunos participantes no projeto *Lectibe* e a relação da leitura com outras dimensões da vida, foi aplicado um inquérito por questionário, na fase inicial das atividades, subordinado ao tema genérico *Tu e a Leitura*. No presente texto, são apresentados alguns dos resultados obtidos nesse questionário, designadamente os que podem lançar luz sobre os clubes de leitura como lugares de participação alargada. Surge em foco a questão se os clubes de leitura ligados ao projeto, considerando o perfil dos seus participantes, se limitam a ser um dispositivo de confirmação (por receberem apenas a adesão dos jovens estudantes do ensino secundário que já têm uma relação favorável com a leitura) ou se constituem também um lugar potencial de conquista (por acolherem participantes com um perfil menos favorável de relação com a leitura).

## Metodologia

A metodologia seguida esteve ligada à concretização projeto. Não se pretendeu constituir uma amostra representativa da população correspondente aos estudantes portugueses e espanhóis do ensino secundário, eventualmente associada ao objetivo de generalizar os resultados acerca da relação que esta população estabelece com a leitura. Os participantes neste estudo foram circunscritos ao próprio projeto. Apesar desta (de)limitação, que impede leituras generalizadas, os resultados obtidos poderão servir de base para aprofundar a reflexão acerca da relação dos estudantes do ensino secundário com a leitura.

### **Questionário**

O questionário *Tu e a Leitura* colocou em foco a questão de saber qual a relação que os alunos, participantes nos clubes de leitura do projeto, estabelecem com a leitura: que hábitos de leitura possuem, como é que a leitura se integra nas suas atividades, que valor lhe atribuem, etc. A caracterização do perfil do aluno participante permitiu adequar algumas atividades e iniciativas, segundo as características e formas de encarar a leitura encontradas.

O questionário encontrava-se organizado nas seguintes partes: *Apresentação, Dados sobre o respondente, Perguntas sobre práticas de leitura*. Esta última parte incidia sobre hábitos de leitura, perspetivas sobre a leitura, práticas de leitura na escola, práticas de leitura na biblioteca municipal e recurso às TIC. Na Apresentação do questionário, era delimitado o seu âmbito e dada a informação de que se tratava de um questionário anónimo. Para além disso, esclarecia-se que, em relação às perguntas colocadas, não havia respostas certas ou erradas. Realçava-se que o aspeto fundamental é que fossem verdadeiras.

Os questionários aplicados aos participantes espanhóis e portugueses foram os mesmos na sua quase totalidade, salvaguardada a questão da língua, tendo sido construídas duas versões, uma em castelhano e outra em português. Para além disso, procedeu-se a adequações relativas à caracterização escolar, decorrentes de aspetos organizativos diferentes entre os sistemas educativos.

Na construção do questionário, foram retomadas diversas questões do questionário aplicado aos estudantes do ensino secundário por Lages, Liz, António e Correia (2007). Deste modo, existem elementos de referência que poderão ajudar a situar o perfil dos participantes no projeto, na sua relação com a leitura, com as reservas resultantes de o questionário de Lages *et al.* (2007) ter sido aplicado apenas no contexto português.

### **Participantes**

O projeto *Lectibe* definiu como seus destinatários os jovens estudantes do ensino secundário (ou também do último ano do terceiro ciclo do ensino básico, no sistema educativo português), tendo como referência a faixa etária de 14-16 anos. Os questionários analisados neste texto correspondem às respostas por parte dos participantes no projeto, no total de 69, cujo perfil corresponde basicamente ao traçado quanto ao nível etário ou de escolaridade. A distribuição por idades é a seguinte:

2 participantes com 13 anos, prestes a perfazer 14 anos; 3 com 14 anos; 25 com 15 e 39 com 16 anos. A idade média em anos é de 15,5 anos. Em relação ao sexo, 49 são do sexo feminino (71%) e 20 do sexo masculino (29%).

### **Recolha de dados**

Os questionários foram disponibilizados eletronicamente e preenchidos no início das atividades do projeto.

### **Análise**

A análise de dados realizada consistiu, em primeiro lugar, na estatística descritiva relativa às frequências alcançadas por cada categoria de resposta. Complementarmente, procuraram-se algumas relações entre variáveis, tendo-se testado as associações entre a variável “Sexo” e variáveis de relação com a leitura e entre a variável “Intensidade do gosto de ler” e variáveis respeitantes às práticas de leitura e ao acesso ao livro. No presente artigo, devido às limitações de espaço, limitar-nosemos à apresentação de alguns dos resultados respeitantes às práticas de leitura e à associação entre estas práticas e as variáveis sexo e intensidade do gosto pela leitura.

## **Resultados**

### **Práticas de leitura**

Em relação às práticas de leitura, estará em foco se os resultados apontam para um perfil restrito quanto à relação com a leitura, circunscrevendo a participação aos bons leitores, ou se emerge um perfil de participação mais alargado.

Na secção do questionário *Práticas de leitura fora da escola*, era apresentado um conjunto vasto de perguntas sobre as práticas de leitura extraescolar, incidindo sobre aspetos como a frequência dessa prática, o tipo de leituras, as preferências, as finalidades, as perspetivas que o sujeito construiu sobre a leitura.

**Quadro 1** Costumas ler no teu tempo livre?

Frequência	Respostas (n=69)	
	N.º	%
Todos ou quase todos os dias	21	30,4
Uma ou duas vezes por semana	32	46,4
Algumas vezes por mês	9	13,0
Algumas vezes por trimestre	3	4,3
Quase nunca	3	4,3
Nunca	1	1,4

A leitura no tempo livre (Quadro 1) alcança resultados que apontam para uma frequência bastante presente ao longo da semana, para a maioria dos respondentes, que lê no seu tempo livre uma ou duas vezes por semana (46,4%) ou mesmo todos ou quase todos os dias (30,4%). No entanto, também aderiram ao clube de leitura 15 participantes (21,7%) cujos hábitos de leitura no tempo livre são inferiores (entre *Algumas vezes por mês* e *Nunca*).

Em relação à quantidade de livros lidos no último ano, encontramos o mesmo espectro diversificado (Quadro 2). A maior parte dos alunos (62,3%) integra-se nos escalões intermédios (leitura de 5 a 8 ou de 9 a 12 livros por ano). Contudo, também encontramos um grupo razoável de alunos (cerca de 20%) que se situa nos escalões inferiores, ou seja, menos de 5 livros por ano, indicador que claramente os situa na classificação de pequenos leitores, segundo o critério de Freitas e Santos (1992), Freitas, Casanova e Alves (1997) e Neves e Lima (2008), que atribuem este perfil à leitura de 1 a 5 livros por ano. No outro extremo da escala (acima de 12 livros por ano), encontramos uma percentagem próxima (17,3%), o que, no entanto, ainda corresponde a um perfil de leitores médios (até 20 livros por ano, segundo os autores citados, para leitores adultos).

**Quadro 2** Quantos livros leste, aproximadamente, no último ano?

Quantidade	Respostas (n=69)	
	N.º	%
1 livro	1	1,4
2 a 4 livros	13	18,8
5 a 8 livros	20	29,0
9 a 12 livros	23	33,3
13 a 15 livros	5	7,2
> 15 livros	7	10,1

A autoavaliação subjetiva quanto à quantidade de leitura (Quadro 3) mostra que o grupo se reparte pelos dois grandes blocos: os que têm de si a imagem de bons leitores, no sentido em que consideram que leem bastante, e que perfazem um pouco mais de metade dos respondentes, e os que consideram que não leem bastante (45%).

**Quadro 3** Achas que lês bastante?

Respostas	Respostas (n=69)	
	N.º	%
Sim	38	55,1
Não e gostava de ler mais	30	43,5
Não e não gostava de ler mais	1	1,4

A ausência de desejo de aumentar o nível de leitura, apesar da consciência da sua insuficiência, é muito escassa. Face aos resultados de Lages *et al.* (2007), encontramos um nível mais elevado de respostas “Sim” (55% face a 18%) e, conseqüentemente, um valor mais baixo de respostas “Não” (que em Lages *et al.*, 2007, alcançam os valores de 68% e 14%, respetivamente para “gostava de ler mais” e “não gostava de ler mais”). Assim, uma parte importante dos estudantes do projeto já construiu de si uma imagem de satisfação em relação ao seu nível de leitura. No entanto, uma outra parte também significativa, pelo contrário, considera que não atingiu ainda o nível desejado em intensidade de leitura. Porventura, a adesão ao projeto do clube de leitura por parte destes estudantes poderá fazer parte da

estratégia para alcançar esse desiderato. Em relação aos primeiros, a adesão poderá decorrer naturalmente da relação que já estabeleceram com a leitura e que avaliam de forma satisfatória.

A intensidade do gosto de ler (Quadro 4) mostra a inclinação para o polo positivo por parte dos participantes, mas também revela um leque mais alargado de participação, para além da adesão dos que se reveem na posição extremada de apaixonados pela leitura (13%) ou dos que afirmam gostar muito de ler (49%). Os que gostam de ler de vez em quando correspondem a quase um terço dos participantes (32%) e o leque de participação estende-se aos que gostam pouco de ler (4%) ou mesmo nada (representado por um caso, 1%).

**Quadro 4** Relação com a leitura: intensidade do gosto de ler

Relação	Respostas (n=69)	
	N.º	%
Viciado na leitura	9	13,0
Gosto muito de ler	34	49,3
Gosto de ler de vez em quando	22	31,9
Gosto pouco de ler	3	4,3
Não gosto nada de ler	1	1,4

A comparação com Lages *et al.* (2007) faz ressaltar essa maior inclinação para o polo positivo, uma vez que nos resultados destes autores os níveis *Gosto pouco* e *Não gosto nada* atingem quase um quarto das respostas.

### Relações entre as variáveis

Nesta secção, está em foco a procura de associação nos resultados entre: i) a variável *Sexo* e variáveis relativas às práticas de leitura; ii) a variável *Intensidade do gosto de ler* e igualmente variáveis relativas às práticas de leitura e ao acesso ao livro.

#### — Diferenças entre os sexos?

O contraste entre rapazes e raparigas surge, no estudo, quanto ao número de participantes: 49 raparigas (71%) e 20 rapazes (29%). Esta maior adesão das raparigas ao projeto dos clubes de leitura está em conformidade com os resultados de outros estudos que mostram uma relação mais favorável com a leitura por parte das raparigas (cf. Lages *et al.*, 2007; OECD, 2010).

Na apresentação anterior de resultados, encontramos um quadro de diversidade em relação às práticas de leitura, ou seja, aderiram à participação nos clubes de leitura do projeto *Lectibe* os estudantes que já tinham uma relação favorável com a leitura, mas também jovens cuja relação não era tão favorável. A questão que se coloca é se, quanto aos rapazes que aderiram, existe uma diversidade correspondente ou se a adesão se restringiu a um perfil, hipoteticamente mais favorável, de relação com a leitura.

É essa possibilidade de existência de um quadro de distribuição de resultados diferente do das raparigas que testámos, com recurso aos valores dos testes estatísticos do qui-quadrado e do coeficiente de contingência. Para a aplicação dos testes, procedemos, em alguns casos, ao agrupamento de categorias, a fim de evitar a existência de células com valores esperados inferiores a 5.

No quadro seguinte, apresentamos os valores dos testes estatísticos relativos à associação entre a variável *Sexo* e variáveis relativas às práticas de leitura: *Intensidade do gosto de ler* (com agrupamento das duas categorias mais elevadas (Viciado + Gosto muito) e das três menos elevadas (De vez em quando + Gosto pouco + Não gosto nada)); *Frequência de leitura no tempo livre* (com agrupamento das categorias de menor frequência (Algumas vezes por mês + Algumas vezes por trimestre + Quase nunca)); *Horas de leitura por semana* (com agrupamento das categorias de menor frequência (Algumas vezes por mês + Algumas vezes por trimestre + Quase nunca)); *Livros lidos no último ano* (com agrupamento das categorias de menor frequência (1 livro + 2 a 4 livros) e das categorias mais elevadas (> 12 livros).

**Quadro 5** Associação à variável "Sexo"

"Sexo" x ...	$\chi^2$	C. contingência	Sig.
Intensidade do gosto de ler	$\chi^2_{(1)}=0,086$	cc=0,035	p=0,769 ns
Frequência de leitura no TL	$\chi^2_{(2)}=3,024$	cc=0,205	p=0,220 ns
Horas de leitura por semana	$\chi^2_{(2)}=0,371$	cc=0,086	p=0,831 ns
Livros lidos no último ano	$\chi^2_{(3)}=2,436$	cc=0,185	p=0,487 ns

Observa-se, no Quadro 5, que nenhum dos valores dos testes estatísticos é significativo. Por conseguinte, não é rejeitada a hipótese nula correspondente à igualdade de distribuição entre raparigas e rapazes.

Assim, a grande diferença, em termos do projeto *Lectibe*, entre rapazes e raparigas reside na própria adesão aos clubes de leitura. Em relação ao perfil dos rapazes que aderem, continuamos a encontrar a diversidade que também caracteriza o grupo das raparigas. Quer em relação às raparigas, quer em relação aos rapazes, a participação nos clubes de leitura do projeto *Lectibe* não ficou restringida aos que já detêm uma relação muito ou bastante favorável com a leitura.

— *Diferenças nas práticas de leitura, em função da intensidade do gosto de ler?*

Passemos agora à análise da relação entre a intensidade do gosto de ler e variáveis respeitantes às práticas de leitura e aos meios de acesso ao livro. A relação que se espera com a frequência de leitura é positiva, pois a satisfação obtida tenderá a reforçar os próprios hábitos de leitura. No entanto, poderá haver indicadores em que este efeito seja atenuado. Em relação ao acesso, estará em foco se existe associação entre os graus da intensidade do gosto de ler e o recurso a determinadas vias de acesso.

No quadro seguinte, apresentam-se os resultados respeitantes às associações referidas. Os agrupamentos de resultados apresentados anteriormente mantiveram-se na presente análise. Em relação a outras variáveis integradas no quadro, efetuaram-se igualmente os seguintes agrupamentos, para realização dos testes estatísticos: *Livros não escolares em casa* (agrupamento em três escalões: Até 50, Entre 51 e 200 e Mais de 200); *Idas à biblioteca da escola, no último mês* (agrupamento do intervalo mais alto, 5 ou mais vezes, com o imediatamente abaixo, 3 a 4 vezes); *Idas à biblioteca municipal* (agrupamento das categorias adjacentes nos dois polos extremos).

**Quadro 6** Associação à variável “Intensidade do gosto de ler”

“Intensidade do gosto de ler” x ...	$\chi^2$	C. conting.	Sig.
Frequência de leitura	$\chi^2_{(2)}=25,750$	cc=0,525	p=0,000 ***
Horas de leitura por semana	$\chi^2_{(2)}=20,416$	cc=0,538	p=0,000 ***
Livros lidos no último ano	$\chi^2_{(3)}=14,397$	cc=0,415	p=0,002 **
Leitura em férias	$\chi^2_{(2)}=13,712$	cc=0,407	p=0,001 **
Existência de livros em casa	$\chi^2_{(2)}=5,785$	cc=0,280	p=0,055 *
Idas à biblioteca da escola	$\chi^2_{(2)}=0,012$	cc=0,013	p=0,994 ns
Idas à biblioteca municipal	$\chi^2_{(3)}=0,979$	cc=0,118	p=0,806 ns
Acesso ao último livro	$\chi^2_{(3)}=18,623$	cc=0,461	p=0,000 ***

Os valores do quadro mostram, em relação às práticas de leitura fora da escola, que existe uma associação com a intensidade do gosto de ler: os participantes que mais gostam de ler tendem a ser os que apresentam maior frequência de leitura nos tempos livres, mais horas por semana dedicam à leitura, mais livros leram no último ano e os que aproveitam as férias para reforçar a sua prática de leitura. No que diz respeito ao acesso aos livros, não existe essa tendência, de forma tão pronunciada: o número de livros não escolares existentes em casa encontra-se no limiar de significância, não apresentando uma associação forte com a intensidade do gosto pela leitura. A ausência de associação torna-se saliente em relação às idas à biblioteca, quer da escola, quer municipal.

A associação da intensidade do gosto com a variável respeitante ao acesso ao último livro mostra diferenças significativas na distribuição. Estas manifestam-se no reforço, por parte dos estudantes com maior intensidade de gosto, de vias como a compra (com contraste de 28% vs. 23%, em relação aos que apresentam menor intensidade de gosto), outras/oferta (com contrastes de 28% vs. 15%) e sobretudo da via do empréstimo (42% vs. 19%). Os estudantes com maior intensidade de gosto conjugam, assim, diversas vias para acesso ao livro, incluindo a compra, a oferta e a participação numa pequena comunidade ou rede que recorre ao empréstimo mútuo. Esta última via encontra-se muito mais arredada no caso dos alunos com menor intensidade de gosto, pelo que estes participantes recorrem em maior proporção à requisição na biblioteca (que representa 42% da origem do último livro lido, que contrasta com 2%, no caso dos participantes com maior intensidade de gosto).

### **Conclusões e implicações**

A iniciativa de organizar um clube de leitura para jovens estudantes do ensino secundário coloca, logo de início, as questões de saber que jovens serão recetivos a essa iniciativa, tendo em conta a sua relação com a leitura. Os resultados dos questionários aplicados, no início do projeto *Lectibe*, mostram que a criação e dinamização de clubes de leitura não foram entendidas como uma iniciativa exclusiva, ou seja, destinada aos alunos que detêm um gosto e uma dedicação de tempo à leitura acima dos colegas, por outras palavras, uma iniciativa destinada aos “viciados” em leitura ou que gostam muito de ler.

A diversidade constitui a maior conclusão do questionário. Encontramos essa diversidade, nomeadamente, em relação a indicadores como a leitura no tempo livre, o número de livros lidos no último ano, a perceção de si próprio como leitor, quanto ao nível de dedicação à leitura e à intensidade do gosto de ler, para além de outros indicadores cujos resultados não foram aqui apresentados, como as horas semanais dedicadas à leitura, o gosto pelos diversos géneros, a quantidade de livros existentes em casa, as idas à biblioteca da escola ou municipal. Em muitos destes aspetos, a diversidade encontrada reflete, em traços gerais (embora apresentando uma tendência de reforço dos polos positivos), a diversidade que outros estudos, baseados em amostras representativas, encontraram para a população mais alargada, como o de Lages *et al.* (2007), para o contexto português. A abertura a essa população, ou seja, à sociedade, constitui um objetivo para os clubes de leitura. E constitui uma primeira implicação dos resultados. Mesmo considerando as limitações dos resultados, devido à não representatividade da amostra, a diversidade constitui um eixo em relação ao qual os dinamizadores deverão refletir, tendo em conta os participantes concretos que fazem parte do clube de leitura.

A diversidade de perfis faz com que encontremos, de forma natural, entre os participantes nos clubes de leitura do projeto *Lectibe*, os estudantes que já detêm uma relação favorável com a leitura. A participação surge para estes participantes como um meio de confirmação da sua relação com a leitura (que, aqui, ganha um significado de desenvolvimento e aprofundamento, no seu processo de construção enquanto leitores). Mas a diversidade também faz com que encontremos muitos participantes à procura, precisamente, de desenvolverem a sua relação com a leitura para níveis de maior frequência e satisfação, ou seja, o clube de leitura constitui-se como um lugar de conquista de uma relação favorável com a leitura.

Como reflexo dos perfis de leitores encontrados na sociedade, existe uma proporção mais elevada de participantes do sexo feminino, cuja relação mais favorável com a leitura tem sido descrita por variados estudos (OCDE, 2010; Lages *et al.*, 2007). Contudo, mesmo em relação aos rapazes, não se encontra, entre os participantes, um perfil restrito de relação com a leitura. Poderemos dizer que o desafio, em relação aos rapazes, consistirá em obter a sua adesão, pois a diversidade de perfis pode constituir a base para a sua participação.

As implicações da diversidade para o funcionamento dos clubes de leitura são variadas. Desde logo, deverá alertar o responsável ou dinamizador do clube para a necessidade de conhecer os participantes e os seus perfis de relação com a leitura. Depois, no que diz respeito ao funcionamento do clube de leitura, poderá implicar a adoção de estratégias que tenham em conta essa diversidade. O objetivo é que todos encontrem e façam o seu caminho de desenvolvimento da relação com a leitura, em partilha e interação, segundo os seus objetivos, sabendo-se que os pontos de partida poderão ser diferentes. Na leitura de um livro concreto e na sua partilha possibilitada pelo clube, todos poderão dar a sua perspectiva e enriquecer a diversidade de contributos, a partir da forma como cada um estabelece a relação com o livro que está a ser lido e a partir do que mobiliza da sua experiência, que é pessoal, para estabelecer essa relação.

### Referências bibliográficas

- Barbeiro, L. F., & Gamboa, M.<sup>a</sup> J. (2014). A pluralidade de leituras e da leitura: o papel do clube de leitura. In Ana Fontes, Jenny Gil Sousa & Maria de São Pedro Lopes (Orgs.). *Da participação na cultura à cultura da participação* (pp. 216-227). RIAP - Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português.
- Colomer, T., & Camps, A. (1990). *Enseñar a leer, enseñar a comprender*. Madrid: Celeste Ediciones.
- Baker, L., Afflerback, P., & Reinking, D. (1996). *Developing engaged readers in school and home communities*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Daniels, H. (2002). *Literature Circles: Voice and choice in the bookclub and reading groups*. Portland, ME: Stenhouse.
- Freitas, E., & Santos, M. L. L. (1992). Inquérito aos hábitos de leitura. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 10, 67-89.
- Freitas, E., Casanova, J., & Alves, N. (1997). *Hábitos de leitura: Um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Gambrell, L. B., & Almasi, J. F. (Eds.) (1996). *Lively discussions! Fostering engaged reading*. Newark, DE: International Reading Association.
- Giasson, J. (2005). *Les textes littéraires à l'école*. Bruxelles: DeBoeck.
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Edições Asa.
- Hannon, P. (1995). *Literacy, home and school: Research and practice in teaching literacy with parents*, London: Falmer Press.

- Lages, M., Liz, C., António, J. H. C., & Correia, T. S. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Ministério da Educação, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).
- McMahon, S. & Raphael, T. (1997). *The Book club connection*. Newark, DE: International Reading Association.
- Mills, H. & Jennings, L. (2011). Talking about talk: Reclaiming the value and power of literature circles. *The Reading Teacher*, 64, 590-598.
- Neves, J. S., & Lima, M. J. (2008). A leitura em Portugal: Perfis e tipos de leitores. *VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Acedido em 2 de Janeiro de 2014, em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/290.pdf>.
- OECD (2010). *PISA 2009 Results*. Acedido em 2 de Janeiro de 2014, em <http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/>.
- Sanacore, J. (2013). “Slow down, you move too fast”: Literature circles as reflective practice. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 86, 116-120.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: Compreensão de textos*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular – Plano Nacional de Leitura, Ministério da Educação.
- Solé, I. (2001). *Estratégias de lectura*. Barcelona: Editora Graó.
- Swann, J., & Allington, D. (2009). Reading groups and the language of literary texts: A case study in social reading. *Language and Literature*, 18: 247-264.
- Tauveron, C. (2002). *Lire la littérature à bécole. Pourquoi et comment conduire cet apprentissage spécifique? De la GS au CM*. Paris : Hatier.
- Terwagne, S., Vanhulle, S., Lafontaine, A. (2003). *Les cercles de lecture: Interagir pour développer ensemble des compétences de lecteurs*. Bruxelles: De Boeck & Larcier.